



**DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MARIA DE FÁTIMA VIEIRA DE CARVALHO**

**OS DETETIVES NA LITERATURA DE LÍNGUA ANGLÓFONA: UM  
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS CRIMES DA RUA  
MORGUE, DE EDGAR ALLAN POE E CAI O PANO, DE AGATHA  
CHRISTIE**

Guarabira – PB  
Dezembro – 2011

MARIA DE FÁTIMA VIEIRA DE CARVALHO

**OS DETETIVES NA LITERATURA DE LÍNGUA ANGLÓFONA: UM  
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS CRIMES DA RUA  
MORGUE, DE EDGAR ALLAN POE E CAI O PANO, DE AGATHA  
CHRISTIE**

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, Campus III - Centro de Humanidades, como cumprimento das exigências do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Letras sob a orientação do Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva.

Guarabira – PB  
Dezembro – 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

C331d

Carvalho, Maria de Fátima Vieira de

Os detetives na literatura de língua anglófona: um estudo comparativo entre Os Crimes da Rua Morgue, de Edgar Allan Poe e Cai o Pano, de Agatha Christie / Maria de Fátima Vieira de Carvalho. – Guarabira: UEPB, 2011. 22f.

Artigo - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva”.

1. Detetive - Personagem  
3. Investigação I.Título. 2. Narrativa

22.ed. CDD 809.933

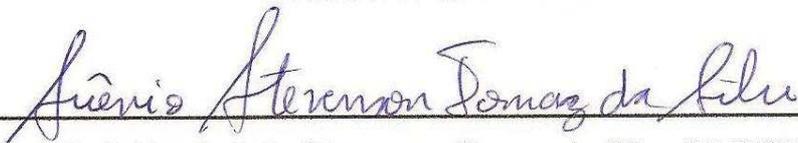
MARIA DE FÁTIMA VIEIRA DE CARVALHO

**OS DETETIVES NA LITERATURA DE LÍNGUA ANGLÓFONA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS CRIMES DA RUA MORGUE, DE EDGAR ALLAN POE E CAI O PANO, DE AGATHA CHRISTIE**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras como cumprimento do Trabalho de Conclusão de Curso.

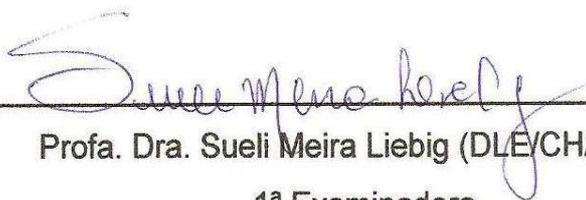
Artigo aprovado em 06 de dezembro de 2011, com nota: 10,0.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



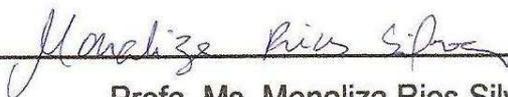
Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (DLE/CH/UEPB)

Orientador



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (DLE/CH/UEPB)

1ª Examinadora



Profa. Ms. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB)

2ª Examinadora

Guarabira – PB

Dezembro – 2011

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o percurso dos personagens detetives Auguste Dupin, do conto **Os Crimes da Rua Morgue** (1841), de Edgar Allan Poe e Hercule Poirot, do romance **Cai o Pano** (1975), de Agatha Christie, desde o conhecimento dos assassinatos até a solução dos mistérios por trás dos crimes de cada narrativa. Deste modo, procuraremos confrontar os métodos de cada detetive. Tendo em vista que ambas são narrativas policiais clássicas, buscaremos mostrar a importância dos detetives para a construção do enredo nesse tipo de narrativa. Como estratégia teórico-metodológica, esta pesquisa se baseia em autores como D'Onofrio (2007), Albuquerque (1979), Todorov (2008), entre outros, que nos nortearão na análise dos elementos fundamentais da narrativa policial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa policial. Detetive. Investigação. Dupin. Poirot.

## INTRODUÇÃO

No transcorrer da história humana nos deparamos com os mais diversos acontecimentos, muitos desses provocam mudanças no meio social que ficam registrados para sempre. Por ser uma arte da sociedade, a literatura, na maioria das vezes, reflete tais transformações. Outras vezes, ela procura destacar os pensamentos e sentimentos da alma humana.

Para compreender melhor a literatura, surgiu a teoria da literatura, a qual procura interpretar, compreender, estudar e também criticar os aspectos característicos das obras literárias. Dentro do universo da Crítica Literária, destacamos a Teoria Comparatista, que segundo Carvalho (2006, p. 5), “[...] designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas”. Contudo, ela não pode ser vista apenas como sinônimo de comparação, visto que comparar é uma atividade que abrange várias áreas do conhecimento.

Levando em consideração mais uma vez a posição de Carvalho (2006, p. 7) acerca da Literatura Comparada como “[...] um meio, não um fim”, o presente artigo objetiva analisar, através da perspectiva comparatista, os personagens de duas narrativas policiais clássicas. Desse modo, o nosso foco de estudo será o detetive Monsieur C. Auguste Dupin, do conto **Os Crimes da Rua Morgue (The Murders in the Rue Morgue)**, de Edgar Allan Poe e o detetive Hercule Poirot, do romance **Cai o Pano (Curtain)**, da autora Agatha Christie. Ressaltamos que a nossa análise será realizada com as obras traduzidas. Tendo em vista que tanto Poe quanto Christie escreveram narrativas policiais, buscaremos, portanto, discorrer sobre as semelhanças e divergências na maneira como cada detetive é apresentado pelos escritores para desvendar o mistério do crime e descobrir o responsável pelo assassinato.

### 1. Algumas considerações sobre a narrativa policial

Em 1841, Edgar Allan Poe publicou no *Graham's Magazine* **Os Crimes da Rua Morgue**, conto que marcou o início da narrativa policial. Esse tipo de narrativa visa, segundo D' Onofrio (2007, p. 126), a manter o leitor ou espectador em suspense “quer pelo enigma da realização de um crime, quer pela investigação da identidade do assassino”.

Mesmo Poe sendo considerado pioneiro da narrativa policial, podemos encontrar o suspense em obras mais antigas. Conforme D' Onofrio (2007, p. 126), “[...] O suspense pode ser rastreado nas narrativas de *As mil e uma noites* (em que a personagem Xerazade conta histórias misteriosas para cativar a curiosidade do rei Xariyar), [...] no romance de aventura [...]” e em outros. No entanto, de acordo com D' Onofrio (2007, p. 126):

[...] é só a partir da segunda metade do século XIX que a narrativa de suspense adquire a especificidade de um gênero à parte, com estrutura própria, ligando-se [...] ao [...] que mais tarde será denominado “literatura de massa”. O nome de conto, novela ou romance policial está diretamente relacionado com seu herói principal, o detetive.

Com base na citação, ressaltamos a importância do detetive para a construção das narrativas policiais. Por esse motivo, elegemos tal personagem como objeto de estudo, como veremos mais adiante neste artigo.

É pertinente ressaltar que a figura do detetive está diretamente associada à construção de um suspense, suspense esse que se tornou indispensável para as narrativas policiais. Mas de onde vem esse interesse por tal gênero narrativo?

Respondendo ao questionamento acima, poderíamos dizer que o positivismo (corrente filosófica iniciada por Auguste Comte na primeira metade do século XIX, que valorizava as ideias de percepção humanas baseadas na observação) e o progresso da ciência estimularam o interesse humano pela investigação científica. Portanto, a capacidade humana é bastante valorizada nesse período e o detetive seria um representante dessa credibilidade da sociedade na ciência, pelo fato de ele ser considerado um homem muito inteligente, analítico e dedutivo, podendo assim desvendar qualquer mistério natural, social ou psíquico através da inteligência humana.

Outro acontecimento importante para o surgimento do romance policial foi a Revolução Industrial, pois a nova classe social que ascendia, ou seja, a burguesia, gostava desse estilo literário. Outro fator concerne à concentração de fábricas nos centros urbanos, onde as pessoas se aglomeravam, provocando assim o aumento da criminalidade. Desse modo, as grandes cidades tornam-se cenários das narrativas policiais.

Em meio a tanta criminalidade, a credibilidade no sistema policial é abalada devido à incompetência e à corrupção do mesmo. E nesse contexto surge o

investigador particular (detetive ou policial) que é o herói da narrativa policial. Através de seu espírito de renúncia e sua extraordinária inteligência, tal herói é capaz de desvendar os mistérios mais indecifráveis, obtendo provas para o inocente e identificando o real culpado. D' Onofrio nos mostra como é a sequência da narrativa policial:

A narrativa policial é basicamente constituída de duas sequências narrativas, ligadas entre si pela modalidade do encadeamento e de três personagens principais: “a história do crime”, cujo personagem principal é a vítima, e a “história do inquérito que apresenta a relação dialética entre o detetive e o assassino” (D' ONOFRIO, 2007, p. 128).

O gênero literário conhecido como romance policial apresenta em sua estrutura narrativa os seguintes elementos: crime, vítima, detetive/policial, investigação e revelação do criminoso. O principal objetivo do detetive, sendo ele profissional ou amador, é a explicitação do mistério. E o mistério é aquilo que fascina e capta a atenção de leitores no mundo todo.

No romance policial não existe crime perfeito, nem impunidade. A solução do mistério deve estar visível desde o início e as pistas contidas no livro para deixar o leitor perplexo quando for revelada a identidade do malfeitor.

Tal gênero narrativo vem se modernizando, ou seja, apresentando novos aspectos em sua estrutura, assim ele pode variar no nome de acordo com as características que apresenta, por exemplo: romance suspense, romance problema, romance preto, etc. Sobre essas ramificações Albuquerque (1979) nos diz que:

Atualmente há outros gêneros dentro do próprio romance policial, como o *roman noir*, [...] o romance psicológico; ainda o chamado romance de suspense. De qualquer forma, a denominação romance policial, certa ou errada ficou para indicar o gênero literário. E, se bem que a julgemos errada continuaremos a empregá-la na falta de outra melhor (ALBUQUERQUE, 1979, p. 4).

Assim, para a narrativa ser considerada policial, deve ser articulada, estabelecendo a relação do detetive com o crime. Cabe ressaltar que neste artigo, tomaremos como categoria de análise detetives, personagens importantes para a construção desse tipo de narrativa.

O primeiro aparecimento do detetive ocorreu por acaso numa estória de Voltaire, mas sem essa designação, pois só veio a ser chamado assim a partir de Poe. Ele chamava-se Zadig e era o herói. Zadig possuía ótima argumentação dotada de raciocínio lógico. E, em consequência da sua lógica, ele foi considerado pelos

historiadores o antecessor de vários detetives do gênero romance policial, ficção que surgiria mais tarde.

De acordo com Todorov (2008, p. 96), o romance policial sempre oferece duas histórias: “a história do crime e a história do inquérito”. A história do crime mostra o que aconteceu, e a do inquérito como o leitor a conheceu. O detetive irá observar e examinar os fatos para desvendar o assassino. A narração da estória é feita por um amigo da pessoa que desvendará o mistério, como por exemplo, o capitão Hastings que narra as aventuras do detetive Hercule Poirot no livro **Cai o Pano**, de Agatha Christie.

Uma das regras do romance de enigma é a imunidade do detetive, pois ele precisa manter-se inatingível para poder cumprir sua função. Caso tal personagem fosse vulnerável, como seria então, para desvendar o caso de mistério, se o princípio básico do romance policial clássico está centrado na figura do detetive e como este investiga e conduz o inquérito de um crime?

## **2. Poe e Christie: os mestres da narrativa policial**

Edgar Allan Poe e Agatha Christie foram escritores que puseram em suas narrativas policiais riscos e perigos que atraíram e continuam a atrair milhares de leitores de várias partes do planeta. Nesse aspecto, esses dois autores, de períodos e países diferentes, coadunam-se através de seus estilos literários.

Pertencente à geração literária do período romântico nos Estados Unidos, Poe apresenta um modo bem singular e inovador de fazer literatura. Sua obra bastante versátil abrange poesia, prosa de ficção e crítica literária. Entretanto, o que nos interessa neste artigo é o Poe contista. Considerado o precursor da narrativa curta, este escritor nos deixou um grande legado de personagens bastante intrigantes.

Nesse aspecto, citamos VanSpanckeren (1994, p. 36) que afirma o seguinte: “[...] as inúmeras personagens isoladas e obcecadas dos contos de Poe são protagonistas solitárias que têm que enfrentar destinos desconhecidos e obscuros [...]”. Argumenta-se que um motivo para os autores explorarem ficticiamente os recônditos da alma humana é a falta de uma vida em comunidade firme e tradicional na América.

É por isso que VanSpanckeren (1994, p. 36) nos relata que: “Quase todos os grandes protagonistas americanos foram “solitários”. O indivíduo democrático americano tinha, de certo modo, que inventar a si próprio”. Portanto, confirmamos novamente que os escritores americanos do Romantismo, com técnicas inovadoras e muita criatividade, apresentaram uma escrita diferente da que era mostrada na Inglaterra. Até porque esse era o propósito da Literatura Norte Americana: a construção de uma identidade nacional quebrando com os moldes da tradição literária inglesa.

Dentro desse novo modelo, Poe utilizou da estranheza em seus textos. Suas personagens eram melancólicas e aparentavam nunca trabalhar ou ter vida social, ao contrário, viviam em ambientes sombrios, góticos e decadentes. Por esse motivo, o tema da morte é muito recorrente nos contos de Poe.

Lovecraft (2007, p. 62) exalta a habilidade de Poe escrever histórias de horror: “Poe fez o que nenhum outro havia feito ou poderia ter feito, e a ele devemos a moderna história de horror em seu estado final e aprimorado”. Além das histórias góticas e de horror, Poe também se destacou escrevendo contos de raciocínio.

Sobre os contos de raciocínio, VanSpanckeren (1994, p. 42) diz que eles “[...] são precursores da ficção policial de Daniel Hammett, [...] e John D. MacDonald. Havia indícios também daquilo que viria a ser a ficção científica”. Esses fatos nos mostram que Poe era encantado pela mente humana e que o conhecimento científico estava mudando a cosmovisão do século XIX.

Além de Poe ser conhecido no mundo inteiro como um escritor de terror e gótico, ele também é considerado o pai do *short story* (conto) e da narrativa policial moderna. Lovecraft (2007, p. 63) diz que: “[...] Poe inventou o conto em sua forma presente”. A primeira história policial moderna de Poe: **Os Crimes da Rua Morgue**, objeto de análise deste artigo, serviu de modelo para todas as demais histórias policiais que surgiram depois. Mas algo que Poe sempre explorou em todos os gêneros foi o aspecto psicológico. Podemos confirmar isso com base no livro **Ficção completa, poesia & ensaios**, onde são expostos alguns procedimentos para desvendar alguns mistérios da mente e da alma humana:

Quando eu quero descobrir até que ponto alguém é sensato, ou estúpido, ou bom, ou perverso, ou quais são seus pensamentos no momento, componho a expressão de meu rosto, tão cuidadosamente quanto possível, de acordo com a expressão dele, e então espero ver que pensamentos ou sentimentos são despertados na minha

mente ou no meu coração, como para se equiparar ou corresponder à 'minha fisionomia' (POE, 1997, p. 180).

Uma possível leitora e também seguidora das narrativas de mistério de Poe é Agatha May Clarissa Malloawan, conhecida mundialmente como Agatha Christie. Ela foi escritora, poeta e teatróloga, destacando-se, principalmente, na escrita de romances policiais, com a publicação de 66 livros só neste gênero.

Agatha Christie é também conhecida como “Duquesa da Morte” e “Rainha do Crime”. Sua personagem mais famosa é o detetive Hercule Poirot. Contudo, é importante destacar aqui um grande detetive que serviu de modelo para vários outros detetives, inclusive para Hercule Poirot: o detetive Sherlock Holmes, que ficou mais conhecido do que seu próprio criador, o escritor Arthur Conan Doyle. Segundo Fiuza (2007), Sherlock Holmes empregava a observação para desvendar os assassinatos enigmáticos.

Embora Agatha Christie pertença ao Modernismo, suas obras não se enquadram nem se assemelham àquelas produzidas pelos demais escritores desse período, como por exemplo, Virginia Woolf e James Joyce. Conforme Silva (2005), o século XX, que para alguns historiadores teve início com a morte da rainha Vitória em 1901, para outros, iniciou-se com a publicação de: *A interpretação dos sonhos* (1899-1900) de Sigmund Freud, ou ainda com a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), foi um momento marcado por muitas incertezas sobre o futuro. A rigidez do período vitoriano foi substituída pela alienação que dominou o reinado de Edward VII, filho da rainha Vitória.

Além disso, o naufrágio do Titanic afundou a fé na eficácia da ciência. A primeira e a segunda guerra mundial provocaram muitas mortes e destruições. Produtos e armas criados devido ao avanço tecnológico da Revolução Industrial foram utilizados para matar. O desemprego crescente, queda de produção, aumento da inflação e formação de regimes totalitários foram os aspectos negativos que permearam o século XX.

Com todos esses acontecimentos, a literatura do início do século XX até a segunda guerra mundial, mostrou essas incertezas e denunciou a falta de liberdade. Assim, de acordo com Silva (2005, p. 262), os escritores desse momento: “[...] se refugiaram nos recônditos da mente humana ou denunciaram a opressão dos governos totalitários e tecnocráticos que dominaram a primeira metade do século XX”.

Os representantes da literatura modernista utilizaram o fluxo de consciência, o monólogo interior e o impressionismo em seus romances psicológicos. No entanto, a escritora Agatha Christie não seguiu esse modelo. Pelo contrário, ela resgatou aspectos do período vitoriano em seus escritos. Sobre isso, em um artigo na revista *Entrelivros*, Fiuza (2007, p. 93) discorre sobre essa questão:

Agatha Christie incorporou [...] o ideal vitoriano do paraíso domiciliar, isolado e protegido do caos das rápidas transformações sociais, pela excelência da rígida moral ditada pela tradição e os bons costumes.

Portanto, diferentemente de seus contemporâneos, que buscaram mostrar as transformações daquele momento, Agatha Christie preferiu escrever sobre o modelo de suspense e mistério deixado por Poe. E por trás desses elementos há uma nostalgia da Inglaterra da época vitoriana. Citamos mais uma vez Fiuza quando ele comenta as características dos crimes nas obras de Agatha Christie:

Os crimes de seus livros são sempre um elemento desestabilizador da paz e tranquilidade reinantes em sofisticadas casas de campo no interior da Inglaterra ou em longínquos cenários do “império onde o Sol nunca se põe”. O universo por onde transitam seus brilhantes criminosos é o do restrito círculo das famílias e pequenos grupos aristocráticos [...] (FIUZA, 2007, p. 93).

Assim, ao invés de escrever como uma forma de arte ou de penetrar na mente humana, como faziam outros escritores modernistas, Agatha Christie optou pela narrativa policial, pois assim podia jogar com o leitor. Nessa direção, citamos:

Tal como um poeta que escreve apenas sonetos ou um compositor que repete os mesmos temas com ligeiras modificações, Christie aceita as convenções do gênero policial e então tenta nos surpreender com sua originalidade (DIRDA, 2010, p. 292).

Através de Agatha Christie, o romance policial massificou-se. E ela tornou-se uma romancista muito popular do século XX. Ela criou personagens inesquecíveis: o detetive belga Hercule Poirot, com suas impressionantes células cinzentas no cérebro, e Miss Marple, uma solteirona simpática, sagaz e observadora. Seu primeiro livro publicado foi **O Misterioso Caso de Styles** (*The Mysterious Affair at Styles*), protagonizado pelo detetive Hercule Poirot, que é personagem recorrente em mais de trinta romances. Já o livro **Cai o Pano**, que narra à última aventura do detetive Poirot, foi publicado em 1975, pouco antes da morte da autora.

Conforme Dirda, Agatha Christie apresenta uma escrita singular:

Suas frases são simples, diretas e transparentes e ela utiliza sempre o mesmo repertório em seus livros – o coronel aposentado, a fofoca na aldeia, o médico da região, a jovem independente, a governanta sabida. Todas essas figuras e mais a vítima são tão reais para nós quanto os personagens de um jogo de Detetive. Seu ponto mais forte é a trama, o mais básico elemento literário (DIRDA, 2010, p. 292).

Com tais características, Agatha Christie tornou-se muito popular. Suas obras ficaram conhecidas e fazem sucesso pelo mundo e foram traduzidas para vários idiomas. Assim como nas obras de Poe, a morte atrelada a um crime é um tema muito presente nas obras de Agatha Christie. Contudo, o que mais importa nas obras desses autores é quem provocou a morte, ou seja, quem cometeu o assassinato. E tal mistério só pode ser desvendado pelo detetive.

### 3. Dupin e Poirot: dois detetives desvendando crimes

Os títulos de obras literárias geralmente revelam informações importantes para os leitores. Eles funcionam como porta de entrada para as narrativas, por isso, iniciaremos nosso estudo, analisando-os. Em **Os Crimes da Rua Morgue**, o título deixa explícito que aconteceu mais de um crime em uma rua. O leitor, portanto, irá imaginar que tipo de crime ocorreu. Em **Cai o Pano**, por sua vez, o título expressa ambiguidade, pois podemos supor mais de uma hipótese, entre elas estão a ideia de que algo foi descoberto, e a outra é justamente o oposto, ou seja, que algum acontecimento ou fato foi ocultado. Percebemos, dessa forma, que as duas acepções são possíveis para as narrativas policiais.

As narrativas em questão são construídas a partir dos pontos de vistas de narradores-personagens que são amigos de confiança dos protagonistas das histórias (no caso os detetives ou heróis), objeto de estudo deste trabalho. Além deles, destacamos ainda as vítimas e os criminosos.

No romance de Christie, o capitão Arthur Hastings, que é amigo do detetive Poirot há vários anos, narra o enredo: “Em Styles encontrei outra vez aquele homenzinho estranho, Hercule Poirot [...] Desde então tem sido meu maior amigo [...]” (CHRISTIE, 2009, pp. 5-6). Já no conto de Poe, é ocultada a identidade do narrador-personagem. Sabemos apenas que Dupin e o narrador se conhecem numa livraria e se tornam amigos: “Nosso primeiro encontro se deu em uma modesta

livraria [...] achei que a companhia desse homem, seria para mim um verdadeiro tesouro” (POE, 2005, p. 35).

A narrativa do conto de Poe inicia-se a partir do prefácio, expondo e exaltando a capacidade analítica do homem que possui essa habilidade porque assim como a força física é motivo de alegria e exibição para um homem, também o analista se sente feliz com seu dom de desvendar mistérios que parecem insolúveis.

Da mesma maneira que o homem forte regozija-se com sua capacidade física, deleitando-se com exercícios que põem os seus músculos em ação, assim também o analista experimenta grande satisfação com a atividade intelectual que lhe permite desvendar as coisas. Sente prazer até com as ocupações mais rotineiras que põem em jogo o seu talento (POE, 2005, p. 32).

Percebemos, assim, a valorização que é dada ao homem que tem a capacidade de desvendar enigmas, que parecem insolúveis, mas que podem ser totalmente esclarecidos através de uma pessoa bastante observadora, dotada de capacidade analítica. Poe (2005, p. 34) diz o seguinte sobre o analista: “Este faz em silêncio, inúmeras observações e inferências. [...] O necessário é saber o que observar”.

O narrador de **Os crimes da Rua Morgue** compara o analista, que será representado pelo protagonista do conto, o detetive Auguste Dupin, a um bom jogador de damas que não se limita ao jogo, mas que vai além, analisando toda e qualquer estratégia de possibilidades:

Nosso jogador não se limita apenas ao jogo e, se bem que este constitua o objeto imediato de sua atenção, não deixa de tirar deduções de coisas estranhas ao jogo: analisa a fisionomia de seu companheiro, comparando-a cuidadosamente com a de cada um de seus oponentes (POE, 2005, p. 34).

Tais características de um bom jogador são imprescindíveis ao detetive, que precisa estar atento aos mínimos detalhes do que ocorre a sua volta. O papel do detetive, assim como a de um jogador, é observar o comportamento de cada pessoa que está no jogo, pois qualquer pormenor à percepção intuitiva do detetive pode ser uma dica preciosa para a resolução de um mistério. O detetive Poirot relaciona a ideia de jogo em suas investigações, no sentido de raciocínio e dedução, como mistério a ser desvendado: “[...] Veja bem, Hastings, você tem diante de si um jogo aberto de *bridge*. Você pode ver todas as cartas. Agora eu lhe peço para dizer qual vai ser o resultado da rodada” (CHRISTE, 2009, p. 71).

Poirot também diz a seu amigo narrador que aceitou as regras do jogo: “Foi porque quis ser um “cavalheiro”. [...] no sentido de aceitar as regras do jogo com dignidade e isenção [...]” (CHRISTIE, 2009, p. 214).

Semelhantemente, os detetives Dupin e Poirot veem a investigação de assassinatos como um jogo, em que precisam jogar para desvendar o crime e assim “vencer o jogo”. Sobre essa questão do jogo na literatura, Mesquita ressalta o seguinte:

[...] O jogo é uma atividade muito presente em todas as situações do homem em sociedade. Sob as mais diversas formas, o fenômeno lúdico mantém um significado essencial. É um recorte na vida cotidiana, tem função compensatória, substitui os objetos de conflito por objetos de prazer, obedece as regras, tem sentido simbólico, de representação. Como realidade, supõe agenciamentos, manipulação, mecanismos, movimentos, estratégias [...] (MESQUITA 2006, p. 8).

Deste modo, percebemos que o jogo torna o trabalho investigativo mais emocionante e o detetive pode usar suas estratégias, captando assim a atenção do leitor.

As habilidades do detetive amador francês Dupin não passam despercebidas ao narrador de **Os crimes da Rua Morgue**, o qual declara a admiração que sente pela capacidade de imaginação do seu amigo:

[...] não podia deixar de observar e admirar – se bem que já estivesse preparado para esperá-lo da rica imaginação de meu amigo – uma peculiar capacidade analítica em Dupin. Parecia, também, experimentar viva satisfação em exercitar tal faculdade [...] (POE, 2005, p. 36).

Poirot também possui grande aptidão investigativa, e mesmo idoso, continua com uma excelente capacidade analítica, considerando o cérebro, o órgão mais importante para descobrir o assassino: “Meus membros podem não ter mais vida, mas meu cérebro [...] não sofreu qualquer dano. Meu sistema, lembra-se, sempre foi o mesmo: sentar e pensar” (CHRISTIE, 2009, p. 17).

Percebemos assim que o bom trabalho do detetive é realizado com eficácia se este tem capacidade de analisar e deduzir. Embora Poirot esteja com uma saúde debilitada, sua capacidade de pensar continua em ótima condição. Contudo, além da capacidade analítica, segundo D’Onofrio é preciso ter outro conhecimento:

A capacidade analítica do verdadeiro detetive não está apenas na dependência de seu peculiar espírito de observação, mas também de

uma sólida cultura geral e do conhecimento da realidade em que vive (D'ONOFRIO, 2007, p. 129).

Ou seja, tanto a análise quanto o conhecimento de mundo são importantes para a função do detetive. E nesse aspecto, Dupin e Poirot são homens muito inteligentes e com grande bagagem de conhecimentos.

Ambos os detetives ficam sabendo dos assassinatos através dos jornais: “Destrancando a pasta de couro, tirou dela um bolo de recortes de jornais [...] São apenas relatos da imprensa de diversas tragédias [...]” (CHRISTIE, 2009, p. 18). Na narrativa de Poe, temos o seguinte:

[...] folheávamos uma edição vespertina da *Gazette des Tribunaux*, quando a seguinte notícia nos despertou a atenção: **Crimes extraordinários** [...] Esta madrugada, por volta das três horas, os residentes do quartier Saint-Roche foram despertados por uma série de gritos espantosos, que pareciam vir do quarto andar de uma casa da Rua Morgue, ocupado, segundo se diz, por uma tal madame L'Esplanaye e por sua filha [...] (POE, 2005, pp. 39-40).

O jornal da *Gazette* relata um cruel e misterioso assassino duplo de mãe e filha, em uma rua de Paris. No entanto, nada dos pertences das vítimas fora roubado. Antes de tal acontecimento, a vítima havia retirado um dinheiro que guardava no banco. Mesmo sem pista, a polícia francesa prende injustamente um funcionário do banco que havia levado o dinheiro do banco até a casa da vítima.

Diante desse fato, Dupin inicia a investigação, pois, ao contrário do que todos acham, o detetive considera esse mistério decifrável, além disso, acredita que o homem que fora preso é inocente e que poderia ter um bom entretenimento desvendando esse crime: “Dupin parecia particularmente interessado no andamento do caso [...]” (POE, 2005, p. 46).

Em **Cai o Pano**, após ter observado os cinco casos de homicídios ocorridos em locais diferentes e noticiados pelos jornais, e analisando o fato da polícia ter desconsiderado outros suspeitos, Poirot deduziu que havia alguém por trás desses assassinatos, mas que passou despercebido aos olhos da polícia e da sociedade. Portanto, alguns dos suspeitos, ao que aparentava, tinham sido persuadidos a cometerem o crime. Poirot denomina o astuto indivíduo de homicida X. E inconformado com a falta de técnica investigativa da polícia, o detetive Poirot decide desvendar quem é o misterioso assassino que havia saído impune desses crimes:

[...] em nenhum dos casos houve qualquer tipo de *dúvida* real. [...] Em cada caso [...] há somente um suspeito considerado. [...] Existe uma certa pessoa, X. Em nenhum desses casos X (aparentemente) teve motivo para liquidar as vítimas. Num dos casos, tanto quanto fui capaz de descobrir, X estava efetivamente há uns duzentos quilômetros de distância quando o crime se deu. Não obstante, vou lhe dizer o seguinte: X era íntimo de Etherington, X morou por uns tempos na mesma aldeia que Riggs, X conhecia pessoalmente a senhora Bradley. Tenho uma foto de Freda Clay e X passeando na rua, e X estava perto da casa quando o velho Matthew Litchfield morreu [...] (CHRISTIE, 2009, pp. 21-2).

Poirot dedica-se bastante para desmascarar o assassino X. Não obstante, Poe faz o mesmo para desvendar o enigmático assassino das duas parisienses. Os dois detetives criticam a ausência de capacidade analítica da polícia e a forma falha como ela investiga o culpado dos crimes. No entanto, na obra de Christie essa crítica está nas entrelinhas, já no conto de Poe é explícita e direta:

– Com interrogatórios tão superficiais – disse Dupin – não é possível descobrir-se um meio de encontrá-lo. A polícia parisiense, tão elogiada pela sua perspicácia, é astuta – e só. Não há método algum em suas investigações, além daquele que é sugerido no momento. Faz uma grande exibição de medidas, mas, não raro, estas se adaptam tão mal aos seus propósitos [...] (POE, 2005, pp. 46-7).

Os homicídios destacados nos jornais mostravam a ineficiência da polícia em desvendar os casos, desse modo, os detetives resolvem investigar pessoalmente os enigmáticos assassinatos.

Enquanto Dupin soluciona os crimes investigando a cena do crime e o corpo das vítimas:

Quanto a estes assassinatos, façamos alguns exames [...]. Uma investigação nos proporcionará uma boa distração. [...] Iremos investigar o local do crime com nossos próprios olhos. [...] Dupin examinava tudo meticulosamente, inclusive os corpos das vítimas (POE, 2005, pp. 47-8).

Poirot, por sua vez, descobre o assassino pesquisando sobre a vida do suspeito, conversando com ele e ouvindo relatos de outras pessoas sobre o assassino. Assim, Poirot tem acesso às características do criminoso, e obtém informações sobre o seu passado, as quais lhe permitem estabelecer a ligação que havia entre as vítimas e o homicida, ou seja, a influência do assassino sobre as pessoas que cometeram os crimes. “[...] o *hobby* de Norton teria um papel preponderante nos acontecimentos que estavam por vir” (CHRISTIE, 2009, p. 67).

Portanto, o raciocínio lógico é uma característica recorrente nos detetives Dupin e Poirot. É através dele que os dois conseguem esclarecer o que parece impossível para as outras pessoas, deduzindo os motivos dos crimes e descobrindo as particularidades inexplicáveis a uma mente comum.

[...] em nenhum dos casos houve qualquer tipo de *dúvida* real. [...] – A Sra. Etherington, por exemplo, foi absolvida. Mas todo mundo, apesar disso, tinha certeza de que ela era culpada. Freda Clay não foi abertamente acusada, mas ninguém pensou em qualquer alternativa para solucionar o caso. Riggs afirmou não se lembrar de ter matado a mulher e o amante, mas ninguém perguntou se outra pessoa poderia tê-lo feito. Margareth Litchfield confessou. Em cada caso, você está notando, Hastings, há somente um suspeito considerado. [...] Suponhamos, Hastings, que em cada caso desses houvesse um elemento estranho comum a todos (CHRISTIE, 2009, p. 21).

Parece-me que esse mistério é considerado insolúvel justamente pela razão que deveria fazer com que fosse considerado de fácil solução. [...] A enorme desordem do aposento, o corpo introduzido, de cabeça para baixo, na chaminé, a horrenda mutilação do cadáver da senhora idosa, [...] a outras que não é necessário mencionar, foram suficientes para paralisar a faculdade de raciocínio dos policiais, fazendo com que fracassasse por completo a perspicácia de que se vangloriam. [...] Em investigações como estas [...] não se deve indagar tanto “o que aconteceu”, mas sim procurar saber “se o que aconteceu nunca aconteceu antes”. [...] a facilidade com que chegarei, ou já cheguei, à solução desse mistério, está na razão direta de sua aparente insolubilidade aos olhos da polícia (POE, 2005, pp. 48-9).

Nestes excertos, comprovamos o elevado grau de capacidade de análise, raciocínio e dedução dos detetives Poirot e Dupin, que conseguem enxergar detalhes onde ninguém mais vê.

Para solucionar os terríveis assassinatos da Rua Morgue, Dupin também analisa os depoimentos das testemunhas e coloca um anúncio no jornal, que atrai uma pessoa que presenciou os dois assassinatos à casa do detetive: “- Estou esperando neste momento [...] uma pessoa que, embora talvez não seja o autor dessa carnificina, deve ter estado, [...] implicado nela” (POE, 2005, p. 49).

Portanto, os fatos que levaram Dupin a descobrir os crimes após suas observações foram: a convicção dos depoimentos das pessoas que testemunham os gritos de dizer que as vozes não eram das vítimas, pois uma delas tinha voz grossa de um francês e a outra era irreconhecível; a bagunça do local onde ocorrera o crime; e a forma dos assassinatos serem incomuns, estabelecendo assim uma

relação com a voz extraordinária não identificada; a descoberta de que o assassino fugira por uma das janelas do quarto e descera pelo cano de para-raios, que era inalcançável para um ser humano normal; e, principalmente, a presença de um tufo de cabelo nos dedos de uma das vítimas e as marcas de unhas deixadas na garganta da assassinada, confirmaram a suspeita de Dupin quanto o crime ter sido cometido por um animal: o orangotango. Já o pedaço de fita para amarrar os cabelos, encontrado por Dupin junto ao condutor de para-raios, levou o detetive a concluir que o dono do orangotango era um marinheiro, que teria presenciado os assassinatos. Foi por isso, que Dupin deixou um anúncio no jornal, para o marinheiro querer buscar o animal, e ser surpreendido por Dupin para dizer o que sabia sobre os homicídios.

- As provas demonstraram claramente – continuou - que as vozes que discutiam, e que foram ouvidas pelos que subiram as escadas, não eram das próprias vítimas. [...] todas as testemunhas concordavam em supor que a voz grave pertencia a um francês, havia grande desacordo com respeito à voz estridente. [...] Isso é a evidência pura – disse Dupin (POE, 2005, p. 50).

Já na obra de Christie, Poirot desvenda quem é o verdadeiro assassino por meio de uma minuciosa investigação sobre a vida de Norton, a qual levou o detetive à conclusão de que “o bom e calado” Norton era, na verdade, o real responsável por induzir as pessoas a cometerem assassinatos:

Examinei a história da vida dele com a maior atenção. Ele era o filho único de uma mulher dominadora. [...] Imagino que ele deve ter descoberto essa sua facilidade de influenciar pessoas bem jovem. Sabia escutar, era bastante simpático, as pessoas gostavam dele mas sem notar muito sua presença. Ele se ressentia disso, e então ele aproveitou. Descobriu como era fácil, usando as palavras certas e fornecendo o estímulo certo, influenciar seus semelhantes. [...] Aqui estava ele, Stephen Norton, a quem todos amavam e menosprezavam, conseguindo que as pessoas fizessem coisas que não queriam fazer, ou (guarde bem isso) pensavam não querer (CHRISTIE, 2009, p. 201).

Assim, tanto os assassinatos de **Os Crimes da Rua Morgue** quanto os de **Cai o Pano** são considerados extraordinários, pois aparentam ser insolúveis. Contudo, eles diferenciam-se pelo fato de que no conto de Poe, eles são cometidos por um animal, o orangotango, em Paris; e no romance de Christie, ao contrário, realizaram-se através de pessoas, mas precisamente por uma que persuadiu outras a assassinares gente de sua própria família, na Inglaterra. Vale salientar, ainda,

que os dois locais são grandes centros urbanos, assim, verificamos que os crimes aumentam nas cidades onde há maior concentração de pessoas.

Ambas narrativas se assemelham por terem como protagonista um detetive, que é a pessoa responsável pela investigação dos assassinatos, e também aquele que consegue desvendar os enigmas desmascarando o verdadeiro culpado do crime.

Enquanto o detetive Dupin é um amador que está iniciando na área investigativa, o detetive Poirot é profissional e se encontra em sua última investigação. Entretanto, ambos obtêm êxito em suas investigações e descobrem os verdadeiros responsáveis pelos assassinatos de cada narrativa.

Mesmo ainda sendo amador, o detetive Dupin possui um dom para fazer diligência, pois sua capacidade analítica é muito aguçada:

Dizia-me, com vaidade e um sorriso zombeteiro, que quase todos os homens, para ele, tinham janelas em seus peitos, e costumava confirmar tais asserções com provas diretas e surpreendentes do íntimo conhecimento que tinha sobre mim (POE, 2005, p. 36).

Ou seja, bastava Dupin analisar uma pessoa ou mesmo conversar com ela para inferir sobre o que ela está pensando, faz, e etc.

Poirot possuía grande conhecimento na área investigativa, pois antes de tornar-se detetive foi policial, no entanto, nessa sua última “caçada”, o próprio Poirot comete um assassinato, que ele mesmo não sabe exatamente se foi correto ou não, mas por ser um homem da lei, pensava ter feito o melhor para o bem das pessoas, caso contrário, o assassino continuaria matando mais gente. Vejamos o que disse Poirot ao seu amigo:

[...] Não sei, Hastings, se o que fiz é justificável ou não. [...] Não acredito que um homem deva fazer justiça com as próprias mãos... Mas por outro lado, eu sou a lei! Quando eu era moço, e trabalhava na polícia belga, matei um criminoso desesperado que estava em cima de um telhado e que estava atirando nas pessoas que passavam na rua. Num estado de emergência a lei marcial é proclamada. Tirando a vida de Norton, salvei outras vidas, vidas de inocentes. Mas mesmo assim não sei... Talvez seja assim mesmo; talvez eu não deva saber. Sempre fui tão seguro das coisas, tão certo... Mas agora estou muito humilde e digo como uma criancinha: “Eu não sei...” (CHRISTIE 2009, p. 217).

Percebemos assim, o conflito emocional que vive o detetive Poirot em seus últimos momentos, sempre tão racional, porém chega à ocasião que precisa rever

suas definições. Desse modo, há divergências entre os dois heróis detetives, visto que Dupin não precisa matar o verdadeiro culpado.

Além disso, Dupin consegue relatar o caso para a polícia, pois tem como provar que foi o orangotango que cometeu os crimes. “Le Bon foi posto imediatamente em liberdade, depois de termos narrado o que sabíamos (com alguns comentários por parte de Dupin) na delegacia de polícia” (POE, 2005, pp. 64-5).

Em contraste a Dupin, Poirot não consegue provar para polícia, pois os assassinatos em **Cai o Pano** foram induzidos, ou seja, uma pessoa muito astuta persuadiu as pessoas a cometerem os homicídios, dessa forma, o verdadeiro culpado: Norton, não deixa vestígios e assim jamais poderia responder por seus crimes devido à inexistência de provas concretas. Poirot descobre tal fato e faz justiça com as próprias mãos para evitar que mais pessoas tornem-se vítimas de Norton. Vale salientar que o detetive deixa todas as pistas para que o narrador decifre o enigma. Mesmo assim ele deixa uma carta para o amigo narrador, esclarecendo todo o mistério dos assassinatos.

Uma situação extraordinária e anormal! E eu vi que havia encontrado, finalmente, no fim de minha carreira, o criminoso perfeito, o criminoso que inventara uma técnica tal *que nunca poderia ser incriminado*. Foi surpreendente. Mas não original. Havia paralelos. E aqui entra a primeira das pistas que deixei para você. A peça *Otelo*, de Shakespeare. Pois lá, magnificamente delineado, estava o original de X. Iago é o assassino perfeito. As mortes de Desdêmona, de Cássio, e na realidade do próprio Otelo, foram todos crimes de Iago, arquitetadas por ele, executadas por ele. E *ele* permanece fora do círculo: sem sombra de suspeita, ou assim se poderia supor. [...] Sim, ali está a perfeição na arte do assassinato. Nem uma palavra de sugestão direta. Ele está sempre dissuadindo os outros de usar a violência, negando com horror as suspeitas que não teriam surgido se ele não as mencionasse! (CHRISTIE, 2009, p. 199).

Assim, além de fazer referência à tragédia **Otelo**, de Shakespeare, em que Iago persuade Otelo a matar sua esposa, Poirot consegue descobrir, que assim como Iago, Norton era o verdadeiro culpado pelos cinco casos de assassinatos que ocorrera, mas que ninguém suspeitava. E por não ter provas para condenar Norton por seus crimes, Poirot percebe-se na obrigação de evitar que Norton continue persuadindo outras pessoas inocentes a cometerem homicídios. Desse modo, a única forma que encontra para solucionar o caso, embora que lhe pareça inadequado, é assassinando Norton.

As narrativas também dialogam pelo fato de os detetives deixarem, primeiramente, a polícia iniciar as investigações e dar sua falha conclusão a respeito dos assassinatos, só então, os detetives começam suas diligências, as quais levarão à resolução dos mistérios. Além disso, por participarem de narrativas policiais tradicionais, os detetives Dupin e Poirot são sujeitos metódicos e muito inteligentes.

Os desfechos das obras aqui analisadas divergem em alguns aspectos. Em **Os Crimes da Rua Morgue**, Dupin esclarece pessoalmente a polícia tudo o que descobre sobre os assassinatos, levando o marinheiro, dono do animal responsável pelos homicídios e a testemunha ocular dos crimes, para relatar a trajetória dos terríveis assassinatos.

Já na obra **Cai o Pano**, Poirot conclui sua última investigação, pois o detetive morre, deixando a revelação de quem está por trás dos assassinatos, apenas para o narrador e o leitor. Portanto, a polícia continua sem saber a verdade, mas o importante é que o mistério foi solucionado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a importância da Literatura Comparada, enquanto abordagem de análise literária, nosso estudo procurou contribuir com a ampliação desse tipo de pesquisa com o intuito de observar, dentro da perspectiva comparatista, o desenvolvimento das narrativas policiais através da contribuição de Edgar Allan Poe e Agatha Christie para este gênero.

Percebemos que a narrativa policial teve grande aceitação pelo público leitor e que, talvez, destacou-se por abordar a resolução de problemas que na vida real não são tão fáceis de solucionar e por conter sentimentos humanos e elementos que os fascinam, como o medo e gosto pela aventura, por exemplo.

Um grande contribuinte, que foi considerado o pai da narrativa policial, o escritor Edgar Allan Poe conseguiu reunir e formar os elementos básicos desse tipo de narrativa que serviu de modelo para escritores que surgiram mais tarde, como Agatha Christie. Se não fosse o conto de Poe: **Os Crimes da Rua Morgue**, provavelmente não teriam existido Hercule Poirot, Sherlock Holmes e tantos outros detetives que atraem milhões de leitores. Sem dúvida, é perceptível que ao escrever os romances policiais, Agatha Christie seguiu o modelo deixado por Poe.

Destacamos mais uma vez que o nosso principal objetivo foi analisar a participação do detetive como personagem que estrutura a narrativa policial clássica, pois tal personagem é a figura essencial para a construção de um enredo baseado em um mistério. É função do detetive, investigar e solucionar o mistério do crime, que nem mesmo a polícia é capaz de desvendar e fazer com que o culpado seja responsabilizado por seus atos.

Cabe ressaltar, enfim, que há muitos outros aspectos que podem ser analisados dentro das narrativas policiais além do que propusemos neste artigo, análise essa em torno das semelhanças e divergências nos procedimentos investigativos utilizados pelos detetives Dupin e Poirot enquanto investigavam os enigmáticos assassinatos, os quais pareciam indecifráveis, mas que foram desvendados graças à inteligência e à capacidade analítica e de dedução desses detetives em **Os Crimes da Rua Morgue** e **Cai o Pano**.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Medeiros. **O mundo emocionante do romance policial**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CHRISTIE, Agatha. **Cai o Pano**. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DIRDA, Michael. **O prazer de ler os clássicos**. Trad. Rodrigo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

FIUZA, Bruno. *Agatha Christie A escrita a serviço do mistério* In: **Cadernos Entrelivros – Panorama da Literatura Inglesa**. Pinheiros: Duetto Editorial Ltda, 2007. p. 93-94.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

POE, Edgar Allan. **Ficção completa, poesia & ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Histórias extraordinárias**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: MARTIN CLARET, 2005.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura inglesa para brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2005.

TODOROV, TZVETAN. "Tipologia do romance policial" In: **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da literatura americana**. Trad. Márcia Biato. Estados Unidos: Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994.